

## KAMTHAKA, O “MELHOR DOS CORCÉIS”: O SIMBOLISMO DO CAVALO BRANCO DE SIDDHARTHA GAUTAMA

KAMTHAKA, THE “BEST OF STEEDS”: THE SYMBOLISM OF THE WHITE HORSE  
OF SIDDHARTHA GAUTAMA

Andressa Furlan Ferreira<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar o papel do cavalo branco e suas associações na literatura budista, com o intuito de averiguar quais implicações simbólicas e culturais resultam desse *motif* mítico-literário. Para tanto, trechos específicos da *Buddhacarita* serão analisados e interpretados a respeito do significado simbólico que o cavalo (em especial, o cavalo branco) projeta nessa produção literária. O trabalho é dividido em duas partes: a primeira aborda brevemente algumas tradições no que concerne à representação do cavalo na Ásia; a segunda parte se ocupa da análise literária do personagem Kamthaka, o cavalo branco de Siddhārtha Gautama. Kamthaka assume diversos papéis significativos na vida lendária de Siddhārtha Gautama. Distinguir o valor simbólico de um animal não-humano contribui nos avanços da compreensão da percepção humana frente às experiências de sua existência. Quando aplicados nos estudos de religião, a representação e o simbolismo animal são capazes de ampliar as discussões para esferas mais profundas do entendimento da vida social, pois a figura animal reflete uma soma de particularidades atribuída ao Outro. Por apresentar considerável valor literário e por contribuir nas concepções budistas, faz-se relevante investigar os elementos que compõem o enredo da *Buddhacarita*.

**Palavras-chave:** cavalo; simbolismo; literatura budista

**Abstract:** This paper aims to analyze the role of the white horse and its associations in Buddhist literature so as to investigate which symbolic and cultural implications result from such mythical-literary motif. In order to do so, excerpts of the *Buddhacarita* will be analyzed and interpreted regarding the symbolic meaning the horse (especially the white horse) features in this literary production. This work is divided into two parts: the first approaches briefly some traditions concerning the representation of the horse in Asia; the second part provides a literary analysis of the character Kamthaka, the white horse of Siddhārtha Gautama. Kamthaka assumes many significant roles in the legendary life of Siddhārtha Gautama. Distinguishing the symbolic value of a non-human animal contributes in the comprehension of the human perception toward the experiences of one’s existence. When applied to studies of religion, animal representation and symbolism can widen debates in the sense of deepening the understanding of social life, since the animal figure reflects a sum of particularities attributed to the Other. Due to its considerable literary value and its contribution to Buddhist conceptions, it is pertinent to explore the elements that constitute the plot of the *Buddhacarita*.

**Keywords:** horse; symbolism; Buddhist literature

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências das Religiões (UFPB), graduada em Letras Inglês (UnB), bolsista da CAPES. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos e do Vivarium – Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo. [andressafurlan@yahoo.com.br](mailto:andressafurlan@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

Apesar do aparente paradoxo, o estudo da representação dos animais atende à busca de se compreender o próprio ser humano, isto é, como ele percebe o mundo natural e si mesmo. As expressões dessa representação podem ser encontradas nas mais diversas formas: pinturas, arquitetura, festivais tradicionais, cultura material, folclore, literatura. A partir disso, este artigo tem como objetivo analisar o papel do cavalo branco e suas associações na literatura budista, com o intuito de averiguar quais implicações simbólicas e culturais resultam desse *motif* mítico-literário. Para tanto, o trabalho é dividido em duas partes: a primeira aborda brevemente algumas tradições no que concerne à representação do cavalo na Ásia; a segunda parte se ocupa da análise literária do personagem Kamthaka, o cavalo branco de Siddhārtha Gautama.

A obra selecionada para análise é uma epopeia em sânscrito que recebe o nome de *Buddhacarita* (“A Vida do Buda”) e discorre sobre os eventos da vida lendária de Siddhārtha Gautama antes de se iluminar. Sua autoria é atribuída ao poeta indiano Ásvaghoṣa, que teria vivido aproximadamente entre 75 e 150 a.C. As versões da *Buddhacarita* em chinês e tibetano são traduções posteriores (século V e século VII—VIII, respectivamente) que dividem a obra em 28 livros/capítulos. De acordo com a edição e tradução de Edward Byles Cowell (2005), somente os 13 primeiros livros advêm de Ásvaghoṣa. Neste trabalho, a edição de Cowell será utilizada e a tradução apresentada em língua portuguesa foi realizada a partir da tradução inglesa, não sendo, portanto, uma tradução direta do sânscrito.

### 1. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRADIÇÃO SIMBÓLICO-REPRESENTATIVA DO CAVALO NA ÁSIA

O cavalo branco não é produto exclusivo da literatura budista. Conforme indicado por Garcon e Nosrati (2013a, p. 15), o cavalo branco se faz presente em várias mitologias ao redor do mundo, sendo frequentemente associado a deuses solares e heróis guerreiros. Na mitologia hindu, por exemplo, há componentes míticos que aludem ao cavalo, como Hayagrīva (um avatar de Viṣṇu com cabeça de cavalo) e os *Ásvinī-kumāras* (dois semideuses irmãos, representados como metade cavalo e metade homem). Havia também na Índia um importante sacrifício da tradição védica realizado no bramanismo, o *Ásvamedha*, cujas vítimas eram cavalos brancos (cf. ZAROFF, 2005a). À época de Buddha, a religião védica já estava arraigada na sociedade indiana (PHUOC, 2010a, p. 16), portanto, não é de se surpreender as

várias referências ao panteão hinduísta presentes na *Buddhacarita*, conforme será observado mais adiante.

Após a época de Buddha, a representação dos cavalos seguiu perpetuada por meio da ornamentação arquitetônica. Entre os séculos IV e II a.C., o império máuria erigiu pilastras que constituem um admirável período da arte indiana. Entre as pilastras mais famosas, temos a pilastra de Sarnath (figura 1), local onde foi realizado o primeiro sermão de Buddha. Nessa pilastra, tem-se a imagem de um cavalo, o qual — junto ao leão, ao elefante e ao touro — desempenhou um papel significativo na antiga arte e literatura budistas (RAY, 1977a, p. 5).

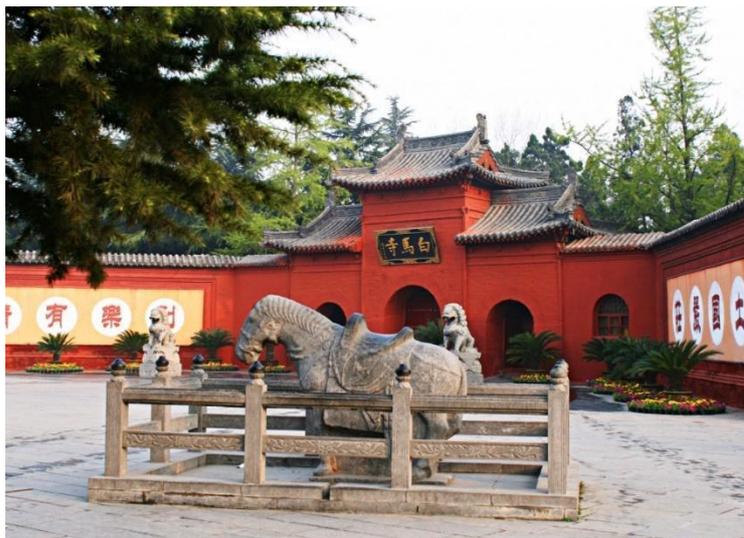
Na China, o primeiro monastério budista a ser fundado não só recebeu o nome de “Templo do Cavalo Branco”, como também exibe uma escultura do animal em sua entrada (figura 2). Tal nome foi atribuído ao templo para lembrar do cavalo branco que carregou os sutras (escrituras que transmitem os ensinamentos orais de Buddha) até aquela região.

Figura 1: Parte da pilastra de Sarnath, Uttar Pradesh (Índia).



Fonte: <https://www.khanacademy.org/humanities/art-asia/south-asia/buddhist-art2/a/lion-capital-ashokan-pillar-at-sarnath>

Figura 2: Templo do Cavalo Branco em Luoyang (China).



Fonte: <http://www.chinaspringtour.com/guide/cityscene/858.htm>

Jarzombek (2009a, p. 19) identificou santuários no sul da Índia, mantidos por vilarejos tâmeis, que utilizam a figura do cavalo em seus cultos. As imagens de cavalo são feitas de concreto pintado ou argila natural e se encontram nos arredores das cidades de Tamil Nadu. Segundo o autor, sua confecção é sagrada e simboliza ofertas de agradecimento. Essas oferendas são dirigidas a Aiyandar, um deus próprio dos tâmeis, associado à chuva e prosperidade dos campos de plantação. Além dessa associação à colheita, Aiyandar também é cultuado por patrulhar e proteger os habitantes da vila, o que torna mais evidente a relevância do cavalo para as funções desse deus.

No budismo *Vajrayāna*, Ratnasambhava — uma das representações de Buddha — monta um cavalo verde e laranja, cujas cores remetem à purificação de Rudra, o qual, no contexto budista, personifica a ira e o poder (HUNTINGTON; BANGDEL, 2003a, p. 99). No budismo tibetano, é frequente o retrato de um cavalo — o qual alude a um “cavalo de vento” — no centro das bandeiras de prece *Lung Ta*. Beer (2003, p. 67) acrescenta que o herói Gesar de Ling e seu corcel branco Kyango Karkar, personagens do *Épico do Rei Gesar*, também podem ser representados no lugar do “cavalo de vento”.

As manifestações imagéticas do cavalo nas expressões culturais dessas regiões da Ásia são inúmeras e merecem abordagens de acordo com seus devidos contextos. No entanto, os exemplos evocados ilustram um valor diferenciado que tais culturas atribuíram à figura do cavalo, principalmente àquele de cor branca. Essas representações, embora de regiões,

culturas e períodos diferentes, possuem a característica em comum de retratar a figura do cavalo em posições de destaque.

Thelen (2006a, p. 3) discorre que tradição faz referência a uma crença, ritual ou ação que se repete, sendo transmitida de geração para geração de maneira constante. Embora a tradição faça uso do passado, trata-se de uma prática do tempo presente que garante uma continuidade — real ou construída — entre o passado histórico e as circunstâncias atuais de um determinado sujeito (THELEN, 2006a, p. 3). As inúmeras manifestações culturais que utilizam a imagem do cavalo e que sobrevivem à história contribuem na manutenção da tradição simbólica desse animal, que permeia a cultura asiática.

A reconstrução contínua da tradição é uma faceta de toda a vida social que não é natural, mas constituída simbolicamente (HANDLER; LINNEKIN, 1984a, p. 276). A representação do cavalo nos exemplos citados anteriormente não se restringe ao animal *per se*. Pelo contrário, é-lhe conferido um valor fundamentado na concepção humana, enfatizando, em sua maioria, os atributos equídeos que são vantajosos para a vida humana. Assim, as qualidades exaltadas desse animal costumam pertencer ao âmbito da força e da velocidade, que são aplicadas tanto no transporte cotidiano quanto em circunstâncias bélicas. Isso nos permite reconhecer que a tradição simbólica construída em cima da figura do cavalo se encontra dissociada do reconhecimento do cavalo como sujeito próprio. Portanto, quando evocado, duas perspectivas prevalecem a respeito desse animal: sua antropomorfização e sua instrumentalização.

Hannab (2006a, p. 3) defende que quanto mais discutirmos os animais e seus atributos em particular, mais percebemos o quão multifacetado eles são. Com vistas à integração dos estudos de simbolismo animal religioso nos estudos budistas, a próxima parte deste trabalho se preocupa em analisar trechos específicos da *Buddhacarita*, já que essa obra opera dentro de uma tradição de grande valor literário-religioso. Os trechos são interpretados com relação ao significado simbólico que o cavalo (em especial, o cavalo branco) projeta no enredo dessa produção.

## 2. ANÁLISE SIMBÓLICA: KAMTHAKA, O EXÍMIO CAVALO BRANCO DE SIDDHARTHA GAUTAMA

Os escritos de Ásvaghoṣa são estimados por seus méritos artísticos e são considerados representantes da alta tradição literária em sânscrito (BUSWELL; LOPEZ, 2014a, p. 76). Visto que a *Buddhacarita* compõe esse quadro tradicional da literatura, cada constituinte de seu enredo deveria ser explorado conforme sua inserção na história a fim de identificar quais são os elementos que atuam na *emolduração* de gostos e valores compartilhados no decorrer do tempo — Patel (2014, p. 4) argumenta que a tradição emoldura conjuntos de gostos e valores compartilhados que sofrem mudanças no decorrer do tempo.

A tradição equestre é comum a sociedades guerreiras. Além da vantagem bélica, possuir e portar um cavalo também indica elevado status social nas comunidades tradicionais. A respeito desse vínculo representativo, a comunidade de origem apresentada na biografia lendária de Siddhārtha torna-se relevante. Antes mesmo de seu nascimento, faz-se menção aos *Śākya*, um clã independente que se situava numa cidade chamada Kapilavastu. Os *Śākya* eram governados pelo monarca Śuddhodana, pai de Siddhārtha, e pertenciam à casta *Kshatriya*, a qual se caracteriza pela elite militar. Siddhārtha Gautama, portanto, teria vindo de uma sociedade guerreira, abastada de beleza natural e riqueza material.

De acordo com os escritos lendários, um sábio previu que Siddhārtha se tornaria um *chakravartin*. “Um *chakravartin* se torna um grande rei e move a roda da conquista ou se torna um professor religioso e move a roda do Dharma (ensino religioso)” (DIVERSITON, 2009, sem paginação, tradução nossa). Talvez por também denotar a ideia de movimento, é interessante observar que no jainismo — antiga religião indiana, fundada aproximadamente no século VI a.C., que rompeu com a tradição védica e o hinduísmo — a imagem do cavalo, assim como outros sete elementos (denominados de *saptaratna* ou “sete joias”), acompanha a figura do *chakravartin*, conforme pode ser observado pelas seguintes representações:

Figura 3: Peça encontrada na vila Amaravathi, Andhra Pradesh (Índia), preservada no Museu Guimet (Paris).  
 Figura 4: Peça encontrada na estupa de Jaggayyapeta, Andhra Pradesh (Índia), preservada no Museu Madras (Índia).



Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Chakravartin>

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/243475923577281291/>

Conforme a profecia do sábio, Siddhārtha Gautama tinha vocação para ser um grande instrutor religioso, o que veio a se realizar, a despeito das tentativas de seu pai de evitar que ele seguisse o caminho espiritual em vez da linha sucessória. Como já foi mencionado, em muitas tradições o cavalo branco é associado à imagem de um herói guerreiro (GARCON; NOSRATI, 2013a, p. 15). Além do caráter militar de sua casta, Siddhārtha é chamado de herói por seu pai — “tua religião, ó herói de passos firmes, é para ser realizada por heroísmo”<sup>2</sup> (verso 32, Livro V) — e também pelo narrador em várias outras passagens no decorrer da história. Siddhārtha, após iluminado, poderia ser descrito como um “herói espiritual”, pois foi o responsável por “salvar” as pessoas dos sofrimentos do Saṃsāra ao instruí-las sobre o Caminho Óctuplo, um conjunto de práticas que pode levar à libertação. Ademais, durante sua vida palaciana, também foi dono de um cavalo branco, cujo nome se dá por Kamthaka.

<sup>2</sup> “thy religion, O firm-striding hero, is to be accomplished by heroism” (AŚVAGHOṢA, 2005, verso 32, Livro V, s.p., tradução nossa)

Kamthaka tinha a cor de uma concha polida (isto é, branco) e apresentava velocidade e força (IRONS, 2008a, p. 276). Irons aponta que o cavalo é frequentemente um símbolo dos sentidos no imaginário budista, e que a abdicação que Siddhārtha faz de seu cavalo pode denotar um símbolo de renúncia à sensualidade. Essa associação entre os sentidos e o cavalo pode ser conferida por meio do verso 34 do Livro II da *Buddhacarita*, que emprega a seguinte metáfora para tratar da abstenção dos prazeres mundanos: “ele dominou pela determinação os cavalos inquietos dos sentidos”<sup>3</sup> (verso 34, Livro II).

No verso 3 do Livro V, Siddhārtha monta seu “bom cavalo” Kamthaka e se dirige para a floresta. Lá, ele medita sobre a origem e a destruição do mundo. Com essa meditação, Siddhārtha alcança o primeiro estágio da contemplação e se livra das inquietudes que o assolavam. Após tal prática, ele se depara com um asceta, cujo encontro o faz tomar a decisão de seguir uma vida religiosa, já que também havia compreendido o significado do termo *dharma* (verso 21, Livro V). Apesar de não ter pronunciado uma palavra sequer — na literatura, é comum o emprego de personificação a animais não-humanos, conferindo-lhes fala —, o papel exercido por Kamthaka indica o transporte de seu dono para um despertar da consciência. Para além da praticidade que um cavalo oferece como meio de transporte, montar e desmontar Kamthaka, na história em questão, pode servir a um significado de transição entre mundos experienciados por Gautama, uma vez que Kamthaka é atrelado à sua vida mundana.

Ao ter seu pedido — de seguir um caminho espiritual e, portanto, abdicar da linha sucessória — negado por Śuddhodana, Siddhārtha decide fugir da vida palaciana no meio da noite. Ao chamar o cavaleiro Chāṇḍaka, sua fala faz referência à imortalidade: “Traga-me rapidamente meu cavalo Kamthaka, pois desejo alcançar minha imortalidade hoje”<sup>4</sup> (verso 68, Livro V). Quando Kamthaka — descrito como um “nobre corcel”, adornado com ouro e “dotado de força, vigor, velocidade e rapidez” (verso 72, Livro V) — lhe aparece, Siddhārtha dirige-se a ele e o convoca para colaborar em seu plano de fuga, de modo a exaltar o cavalo: “Frequentemente inimigos terríveis foram derrubados pelo rei enquanto te montava; faça você, ó melhor dos corcéis, o mesmo para que eu também obtenha a mais alta imortalidade”<sup>5</sup> (verso 75, Livro V). No verso 78 do mesmo Livro, Siddhārtha novamente o instiga: “minha

<sup>3</sup> “he subdued by firmness the restless horses of the senses” (AŚVAGHOṢA, 2005, verso 34, Livro II, s.p., tradução nossa)

<sup>4</sup> “Bring me quickly my horse Kamthaka, I wish today to go hence to attain immortality” (AŚVAGHOṢA, 2005, verso 68, Livro V, s.p., tradução nossa)

<sup>5</sup> “Oftentimes have evil enemies been overthrown by the king when mounted on thee; do thou, O best of steeds, so exert thyself that I too may obtain the highest immortality” (AŚVAGHOṢA, 2005, verso 75, Livro V, s.p., tradução nossa)

fuga portanto será para o bem do mundo, — ó melhor dos corcéis, com a sua velocidade e energia, esforce-se pelo seu próprio bem e pelo bem do mundo”<sup>6</sup>; e, logo após, no verso 79, o “melhor dos corcéis” é comparado a um amigo.

Kaṁthaka torna-se o único meio prático e eficaz para Siddhārtha seguir seu caminho traçado desde o seu nascimento, pois era necessário que o cavalo, além de mais forte e mais veloz do que os outros, fosse também o mais fiel ao seu dono. Embora Siddhārtha tenha conseguido adentrar a vida ascética por mérito próprio, é Kaṁthaka que o possibilita escapar de sua antiga vida profana para então alcançar a tão almejada imortalidade. Siddhārtha reconhece seu animal não como um mero meio de transporte que deve obedecer às suas ordens, mas como um amigo em quem pode confiar e que pode colaborar em seu plano de fuga. Esse reconhecimento pode ser observado por meio das falas dirigidas ao animal, bem como pela maneira que ele é exaltado.

Após a abordagem de seu dono, Kaṁthaka evita sons (como o relincho) que perturbariam a calada da noite e, com a ajuda dos *Yakṣas* — espíritos da natureza, os quais possuem mãos em formato de lótus e com elas apoiam os cascos de Kaṁthaka para abafar o som do galope —, segue viagem para fora da cidade (versos 80 e 81 do Livro V). Segundo Buswell, em representações anicônicas (isto é, quando não se retrata a divindade ou ser espiritual), o cavalo não porta um cavaleiro, mas um guarda-sol, que indica a presença de Siddhārtha (2004, p. 90). A figura 3 ilustra esse recurso artístico e retrata a fuga de Siddhārtha, acompanhado de Kaṁthaka e dos *Yakṣas*:

---

<sup>6</sup> “my escape from hence will be for the good of the world, — O best of steeds, by thy speed and energy, strive for thine own good and the good of the world” (AŚVAGHOṢA, 2005, verso 78, Livro V, s.p., tradução nossa)

Figura 5: ilustração do *Upasampadā* em um manuscrito tailandês do século XIX.



Fonte: *The British Library* (BUSWELL, 2004).

No verso 87 do mesmo Livro, Kamthaka é comparado ao cavalo de Indra: “ele [Siddhārtha] com seu cavalo parecido com o cavalo de Indra, senhor dos cavalos da enseada”<sup>7</sup>. Na *Buddhacarita*, é recorrente a referência a Indra (cf. versos 7, 27, 63 e 92 do Livro I; verso 27 do Livro II; verso 72 do Livro IV; versos 22, 27, 45 e 87 do Livro V; verso 62 do Livro VI; versos 3, 8 e 43 do VII; versos 73 e 79 do Livro VIII; versos 5, 10 e 19 do Livro IX; versos 19, 39 e 41 do Livro X; versos 14, 16 e 70 do Livro XI; versos 9 e 37 do Livro XIII). Em conformidade com a edição de Griffith (1896), diversos hinos da Rigveda — primeira coleção de textos canônicos do hinduísmo — são dedicados a Indra, um deus associado ao céu e ao clima, especialmente às chuvas e trovões. Ele também é louvado por ser o protetor dos deuses e por controlar cavalos. Inclusive, além de um elefante branco, Indra também monta um cavalo branco de sete cabeças, denominado *Uccaiṣravas* e considerado o melhor dos equídeos. Nesses hinos, Indra também é chamado de “herói”, o que remete à associação entre heróis guerreiros e cavalos brancos proposta por Garçon e Nosrati (2013a).

<sup>7</sup> “he with his horse like the horse of Indra, the lord of bay horses” (AŚVAGHOṢA, 2005, verso 87, Livro V, s.p., tradução nossa)

Ao chegarem na floresta, Siddhārtha agradece Chaṁdaka pela coragem e pela devoção a ele dispensadas, características as quais foram provadas quando o cavaliço os seguiu (verso 5 do Livro VI). Mais uma vez, Siddhārtha ressalta as qualidades de Kaṁthaka ao comparar sua velocidade àquela de Tārksya, uma criatura mítica da mitologia hindu, ora descrita como sendo um cavalo, ora como uma ave. Após os agradecimentos, Gautama pede a Chaṁdaka que retorne à Kapilavastu com seu cavalo. Em seguida, a fala de Chaṁdaka expressa não somente protesto, mas também evoca um aspecto relevante para o papel simbólico de Kaṁthaka.

No verso 29 do mesmo Livro, o cavaliço acusa o destino de tê-lo forçado a colaborar nessa fuga (questão que já havia sido abordada pelo narrador no Livro anterior). No verso seguinte, Chaṁdaka prossegue ao relacionar o cavalo solitário à tristeza de Kapilavastu. Nesse sentido, mesmo que ainda ninguém soubesse da abdicação do sucessor, o fato de o cavaliço retornar à cidade com o cavalo desmontado automaticamente implicaria um ocorrido devastador, já que a montaria de Kaṁthaka era atrelada a seu dono. Portanto, o retorno solitário de Kaṁthaka sinalizaria o abandono de Siddhārtha.

Ao ouvir as palavras do próprio Siddhārtha a respeito de sua abdicação à vida mundana e consequente abandono da vida palaciana, Kaṁthaka lambe seus pés e derrama “lágrimas quentes” (verso 53 do Livro VI). A caracterização da reação do cavalo revela o apreço que ele tem por seu dono, além de lhe conferir uma nobreza que vai além das qualidades físicas, dado seu entendimento da situação expressa pela fala de Siddhārtha. Kaṁthaka não se apresenta como o único cavalo literário que chora “lágrimas quentes” por seu cavaleiro. Na *Ilíada*, por exemplo, os cavalos imortais de Aquiles — Xanthus e Balius — também fazem o mesmo frente à morte de Pátroclo (HOWEY *apud* HANNAB, 2006a, p. 100). Nesses contextos, chorar pela perda de seus queridos confere um caráter senciente que humaniza esses animais, os quais são frequentemente exaltados pela força e velocidade. Assim, muito além de meios de transporte, tais cavalos atuam como nobres personagens das narrativas. Nos versos 54 e 55, Siddhārtha consola seu cavalo “como um amigo”, reconhecendo sua nobreza e pedindo que não chore, mas que conviva com sua ausência, pois seu esforço encontrará recompensa. Irons (2008, p. 276) alega que Kaṁthaka, não suportando a dor da partida de seu dono, morre e renasce no céu de Tusita como um deus, embora isso não se evidencie na edição de Cowell.

Quando o cavaliço e o cavalo retornam à cidade, ambos, mesmo abatidos e em prantos, sofrem severas acusações de Śuddhodana e Yaśodharā por terem permitido a fuga de Siddhārtha. Em especial, é notável a maneira pela qual se dirigem ao cavalo, que é tratado

como culpado por trazer uma “completa ruína” (verso 38 do Livro VIII) e por ter realizado um “grande ato de crueldade” (verso 75 do Livro VIII) aos familiares e à cidade. De Kamthaka, diz-se que, embora tenha seguido bravamente o caminho de volta, perdeu “todo o espírito em seu coração”, assim como “toda sua beleza”, apesar de ainda adornado (verso 3 do Livro VIII). Inclusive, durante o percurso da volta, sua tristeza profunda é assinalada por meio de sua falta de apetite e de seu relinchar: “ele relinchou repetidamente com um som pesaroso; e, embora sofresse de fome, ele não degustou nenhuma grama ou água no caminho, como havia feito antes”<sup>8</sup> (verso 4 do Livro VIII). Diante do abandono de seu mestre, o mais nobre dos corcéis desfalece, tamanho era seu vínculo com Siddhārtha.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras de Ásvaghoṣa influenciaram a literatura clássica indiana, o que inclui a *Buddhacarita* no cânone literário. Por apresentar considerável valor literário e contribuir nas concepções budistas, faz-se relevante investigar os elementos que compõem o enredo da vida lendária de Siddhārtha Gautama. Além do cavalo, diversos outros animais são evidenciados na literatura e arte budistas — como o touro, o leão, o elefante, o cervo e a vaca —, mas ainda carecem de investigações.

A tarefa de averiguar o simbolismo presente nos produtos culturais de uma determinada sociedade pode revelar aspectos até então inacessíveis ou impensados. Distinguir o valor simbólico de um animal não-humano contribui nos avanços da compreensão da percepção humana frente às experiências de sua existência. Quando aplicados nos estudos de religião, a representação e o simbolismo animal são capazes de ampliar as discussões para esferas mais profundas do entendimento da vida social, pois a figura animal reflete uma soma de particularidades atribuída ao Outro. Excluir as impressões relativas ao mundo animal e natural dos estudos de religião é limitar consideravelmente as análises sobre a disposição da vida humana.

Com a finalidade de servir de estudo inicial para o desenvolvimento de estudos de simbolismo e representação animal, este artigo visou à abordagem do cavalo, expresso tanto na mitologia hindu quanto na literatura budista. A imagem do cavalo carrega em si uma forte tradição cultural acrônica da Humanidade. Kamthaka assume diversos papéis significativos na

---

<sup>8</sup> “he neighed repeatedly with a mournful sound; and though pressed with hunger, he welcomed not nor tasted any grass or water on the road, as before” (ÁSVAGHOṢA, 2005, verso 4, Livro VIII, s.p., tradução nossa)

vida lendária de Siddhārtha, servindo de exemplo máximo de personificação da excelência e da fidelidade. Ele não somente evidencia a relevância que o cavalo exerce na sociedade, mas também aponta para o olhar literário acerca do animal senciente.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁSVAGHOṢA. *The Buddha-Carita, or The Life of Buddha*. Edited and translated by Edward Byles Cowell. Edited by Ānandajoti Bhikkhu. E-Book, 2005.

BEER, Robert. *The Handbook of Tibetan Buddhist Symbols*. Chicago: Serindia, 2003.

BUSWELL, Robert E.; LOPEZ, Donald S. *The Princeton Dictionary of Buddhism*. Princeton University Press, 2014.

BUSWELL, Robert E. (ed.). *Encyclopedia of Buddhism*. New York: Macmillan Reference USA, 2004.

DIVERSITON. *Essentials of Buddhism*. New Activity Publications, 2009.

GARCON, Martin; NOSRATI, Masoud. Horse Symbolism Review in Different Cultural Backgrounds. In: *International Journal of Economy, Management and Social Sciences*, 2(1), 2013, p. 15-18.

GRIFFITH, Ralph T. H. *The Hymns of the Rigveda*. 2<sup>nd</sup> edition. Kotagiri, 1896. Disponível em: <<http://www.sanskritweb.net/rigveda/griffith.pdf>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2016.

HANDLER, Richard; Jocelyn, LINNEKIN. Tradition, Genuine or Spurious. In: *The Journal of American Folklore*, vol. 97, n. 385, 1984, p. 273-290.

HANNAB, Barbara. *The Archetypal Symbolism of Animals – Lectures given at the C. G. Jung Institute, Zurich, 1954/1958*. Edited by David Eldred. Polarities of the Psyche, 2006.

HUNTINGTON, John C.; BANGDEL, Dina. *The Circle of Bliss: Buddhist Meditational Art*. Chicago: Serindia, 2003.

IRONS, Edward. *Encyclopedia of Buddhism*. New York: Facts On File, 2008.

JARZOMBK, Mark. Horse Shrines in Tamil India – Reflections on Modernity. In: *Future Interior – Journal of Historic Preservation*, vol. VI, n. 1, 2009, p. 19-36. Disponível em: <[http://web.mit.edu/mmj4/www/downloads/future\\_ant4\\_1.pdf](http://web.mit.edu/mmj4/www/downloads/future_ant4_1.pdf)>. Acesso em: 24 de janeiro de 2016.

RAY, Niharranjan. Animal Symbols in Maurya Art – Formal and Cultural Significance. In: *Bulletin of Tibetology*, Volume 13, Number 2, 1977, p. 5-17.

PATEL, Deven M. *Text to Tradition: The Naisadhiyacarita and literary community in South Asia*. Columbia University Press, 2014.

PHUOC, Le Huu. *Buddhist Architecture*. Grafikol, 2010.

THELEN, Elizabeth. *Riding Through Change – History, Horses, and the Restructuring of Tradition in Rajasthan*. Senior Thesis on Comparative History of Ideas. University of Washington, 2006.

ZAROFF, Roman. *Aśvamedha – A Vedic Horse Sacrifice*. In: *Studia Mythologica Slavica* VIII, 2005, p. 75-86.